



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO - CEDUC
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS SOCIAIS
LICENCIATURA PLENA EM FILOSOFIA

JULIANA MARQUES CAVALCANTE

**O NADA PELO *O TODO*: COMO O NADA QUERER E A AUTO
ANIQUILAÇÃO CONVERGEM PARA A NOBREZA DA ALMA EM
MARGUERITE PORETE**

CAMPINA GRANDE

2016

JULIANA MARQUES CAVALCANTE

**O NADA PELO *O TODO*: COMO O NADA QUERER E A AUTO
ANIQUILAÇÃO CONVERGEM PARA A NOBREZA DA ALMA EM
MARGUERITE PORETE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura Plena em Filosofia, da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de licenciada em Filosofia sob a orientação da Prof.^a Dra. Maria Simone Marinho Nogueira.

CAMPINA GRANDE

2016

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

C376n Cavalcante, Juliana Marques
O nada pelo o todo [manuscrito] : como o nada querer e a auto-aniquilação convergem para a nobreza da alma em Marguerite Porete / Juliana Marques Cavalcante. - 2016.
36 p.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Filosofia) - Universidade Estadual da Paraíba, centro de educação, 2016.
"Orientação: Profa. Dr. Maria Simone Marinho Nogueira, Departamento de Filosofia e Ciências Sociais".

1. Amor. 2. Aniquilamento. 3. Vontade. I. Título.

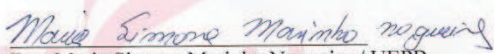
21. ed. CDD 100

JULIANA MARQUES CAVALCANTE,


**O NADA PELO TODO: COMO O NADA QUERER E A AUTO ANIQUILAÇÃO
CONVERGEM PARA A NOBREZA DA ALMA EM MARGUERITE PORETE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Curso de Graduação em Filosofia da
Universidade Estadual da Paraíba, em
cumprimento à exigência para obtenção do grau
de Licenciado em Filosofia.

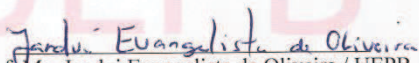
Aprovado em 24/05/2016.



Prof. Dra. Maria Simone Marinho Nogueira / UEPB
Orientadora



Prof. Dr. José Arlindo de Aguiar Filho / UEPB
Examinador



Prof. Me. Jandui Evangelista de Oliveira / UEPB
Examinador

A Nossa Senhora das Graças, Senhora
minha, minha *Mãe* Rainha, que em seu
incansável clamor intercessor, cuidou-me e
acolheu-me em seu manto de Amor.

AGRADECIMENTOS

Minha maior gratidão está guardada ao meu Senhor e meu Deus. E não poderia ser de outra forma, quando Ele, em sua indizível sabedoria providente, direcionou meu caminho para o cumprimento de uma jornada que em muito acresceria na compreensão da razão do meu *vir a ser* no mundo.

Sou imensuravelmente grata aos meus amados pais, que sempre se esforçaram para dar-me a melhor educação que me fosse possível conhecer, pelo empenho em mostrar-me a importância dos estudos, mas sobretudo por me guiarem no meu crescimento enquanto pessoa. Agradeço principalmente a minha querida mãe, que além de melhor amiga, confidente e companheira, aceitou e desempenhou fielmente o seu papel materno quando suportou meu mau humor nos finais de período (e no início e meio também), quando não deixou-me desistir enquanto terceiros se esforçavam para tornar ainda mais difícil minha dura jornada, e quando se orgulhava por cada passo dado e cada conquista alcançada.

Minha gratidão se estende a minha irmã Camilla, pelo seu apoio e pela sua torcida, pelo seu interesse e disposição, fosse pelas lidas aos trabalhos ou pelas palavras de conforto, pelo seu amparo e pelo seu cuidado, que fizeram sentir-me sempre tão querida, e que contribuíram grandemente em minha caminhada. Lhe sou, ainda e especialmente, grata por trazer ao mundo a minha sobrinha Ana Júlia, que clareou os meus dias com a sua chegada, que me permitiu experimentar a beleza do amor no estado mais puro, que me faz querer ser o exemplo de uma pessoa melhor e que hoje é, sem dúvidas, o grande amor da minha vida.

Agradeço, também, as minhas amigas Magna e Lucineide, que tornaram a nossa rotina matinal mais leve e alegre pelas suas fiéis e agradáveis companhias.

Agradeço aos meus mestres professores, que em sua maioria corroboraram no meu crescimento intelectual e, sobretudo, pessoal.

Agradeço de maneira especial a minha orientadora, Prof.^a Dra. Maria Simone Marinho Nogueira, mulher de personalidade forte, que não faz questão de agradecer. E agrada de graça. Que com sua paixão pela licenciatura conquista o interesse do aluno em qualquer disciplina que assuma. Senhora de toda minha admiração e respeito, agradeço, sobretudo, por me apresentar o objeto de um estudo tão deslumbrado.

Agradeço ao Prof. Dr. Valmir Pereira, que em sua função de coordenador do curso não poupou esforços ao prestar sempre seu cuidado e apoio incondicional.

Agradeço, por fim, ao Mateus, meu grande e puro amor, que desde o início tomou para si o papel de meu maior admirador e incentivador. O qual dedico esse trabalho pelo reconhecimento do seu apoio e cuidado essenciais na sua efetivação.

Evitara vestir seu sonho com
os detalhes da vida real.

Virginia Woolf

RESUMO

O Espelho, obra de Marguerite Porete aqui tratada, pode, em verdade, ser interpretado como uma espécie de guia espiritual, na medida em que a autora tem, como um dos seus principais objetivos, a pretensão de ensinar aos seus ouvintes qual é o caminho que deve ser seguido por aqueles que desejam obter a total libertação dos empecilhos na busca da aniquilação da alma porquanto esta promete tornar possível um fidedigno encontro com o Amado. Em *O Espelho*, Marguerite, em sua atuação mística, apresenta o seu conhecimento – obtido pela infinita generosidade de Amor – através de uma estrutura dialógica, onde ela, Alma, A *Dama* Amor (Deus) e a Razão (Igreja) aparecem como os personagens principais na reflexão do que concerne à compreensão do Amor operante na Alma nadificada. Não obstante, em toda a sua obra Porete reitera a necessidade da Alma de desprender-se de toda vontade, não mais havendo sequer a prática das virtudes tampouco a ida a templos sagrados a fim de encontrar-se com a Divindade. Ou seja, o que, para muitos, sobretudo nos dias atuais, é visto como intermédio para se aproximar de Deus, em Porete toda e qualquer atitude virtuosa e *prática religiosa* é apresentada como empecilho para tanto. O caminho para encontrar-se com o Amado, segundo Marguerite, é não buscar um dado caminho, na medida em que o lugar onde esse encontro se dará é exatamente no momento em que não houver mais uma busca por um determinado lugar. Isso porque o caminho é o aniquilamento e o lugar é em todos os lugares. Destarte, o ponto central desta pesquisa é discutir sob quais alicerces se fundamenta o discurso de uma Alma que a todo instante afirma repousar na liberdade do nada querer, nada ter, nada ser, e paradoxalmente *permanece somente na vontade e no desejo do amor*. Com base na teoria poretiana de que através da abdicação das vontades e do aniquilamento total da Alma é possível vivenciar uma experiência direta com Deus, nos dedicaremos a analisar de que maneira uma Alma que repousa no nada é capaz de alcançar tamanha honra, sobretudo em entender como o nada permite a permanência do desejo, ainda que este o seja pelo Amor.

Palavras-chave: Amor. Aniquilamento. Vontade.

ABSTRACT

The Mirror, the work of Marguerite Porete hereof, may in fact be interpreted as a kind of spiritual guide, in that the author has as one of its main objectives, claim to teach his listeners what is the way to be followed by those who wish to obtain the total liberation of the obstacles in the pursuit of annihilation of the soul because this promises to make possible a reliable meeting with the Beloved. In The Mirror, Marguerite, in her mystical role, presents his knowledge - obtained by infinite generosity of Love - through a dialogic structure, where she, Alma, Lady Love (God) and Reason (Church) appear as the characters main reflection of what concerns the understanding of operant Love in Alma nadificada. Nevertheless, in all its Porete work reiterates the need for Soul loosen up all desire, not even having the practice of virtues nor the way the sacred temples in order to meet the Divine. That is, what, for many, especially nowadays, is seen as a means to get closer to God in all Porete and any virtuous attitude and religious practice is presented as an obstacle to both. The way to meet the Beloved, according to Marguerite, is not to seek a given path, in that the place where that meeting will take place exactly at the moment when there is no longer a search for a particular place. This is because the path is the destruction and the place is everywhere. Thus, the focus of this research is to discuss under what foundations is based discourse of a Soul that every moment claims stand in the freedom of want nothing, have nothing, nothing to be, and paradoxically remains only the will and desire of love. Based on poretiana theory that through the abdication of wills and the total annihilation of the soul can experience a direct experience of God, dedicate ourselves to analyze how a soul that rests on nothing is able to achieve such an honor, especially in understanding as nothing to the desire of the stay, although this is by Love.

Keywords: Love. Annihilation. Will.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	09
CAPÍTULO 1: A AUTO-ANIQUILAÇÃO COMO PRESSUPOSTO PARA UMA VIDA COM CRISTO	12
1.1 AS TRÊS MORTES	15
1.2 OS SETE ESTADOS DE ANIQUILAMENTO DA ALMA	16
1.3 O PARADOXO	17
1.4 A REICINDÊNCIA	19
1.5 A LIBERDADE	23
CAPÍTULO 2: ABORDA O POSSÍVEL ALCANCE PORETIANO SOBRE OS CONTEMPORÂNEOS	26
CAPÍTULO 3: BREVE ANÁLISE DO PAPEL FEMININO	29
3.1 AS BEGUINAS	30
3.2 A MÍSTICA MEDIEVAL FEMININA	31
CONSIDERAÇÕES FINAIS	33
REFERÊNCIAS	35

INTRODUÇÃO

A prática religiosa fora a saída que a mulher medieval encontrou para manifestar a sua voz que, por vezes calcada em atuações artísticas, a conduzia ao encontro de Deus. O aniquilamento da Alma é o mais forte tema discutido em Marguerite Porete, que registra e divulga através da sua única e insólita obra, *Le miroir des âmes simples et anéanties et qui seulement demeurent en vouloir et désir d'Amour – O espelho das almas simples e aniquiladas e que permanecem somente na vontade e no desejo do Amor*, a sua experiência pessoal com o divino, bem como o seu alcance ao estado de Nobreza, igualmente oriundo do auto-aniquilamento.

Em nosso tempo, tomados pelo crescimento permanente do número de informações que estão ao nosso alcance, ruímos no hábito arrebatado de nos contentarmos com dados parciais e incompletos que acabam por nos fazer criar e disseminar conceitos que, em grande parte, estão equivocados. É comum reduzirmos automaticamente a hereses todos os personagens que foram condenados à fogueira durante o Medievo. Com Marguerite não fora diferente. Por essa razão, a nossa¹ pesquisa busca conduzir um caminho livre de anacronismo que nos leve a uma interpretação acertada sobre quem foi Marguerite Porete e, sobretudo, como se deu a sua experiência mística. Porquanto à parte do preconceito que rodeia o período medieval, falar sobre mística no seu conceito originário torna-se um desafio nos dias atuais, sobretudo se considerarmos o fato de estarmos diante de uma sociedade que comunga de uma fé idólatra que julga e persegue qualquer prática religiosa que não seja a praticada pela sua maioria.

A questão do título de heresia carrega consigo alguns pesares bem difíceis de serem ultrapassados: ao sermos interpelados com essa realidade que fez parte da história de muitas das personalidades que conhecemos através da história tendemos a, quase sempre, reagir de duas possíveis maneiras, ou deixamo-nos conduzir pelo *pré*-conceito que aceira esse título, ou optamos por investigar como se deu tal caso. No tocante a Marguerite Porete, quem escolhe por desvendar os motivos que estiveram por trás da sua condenação depara-se com uma inabalável postura de coerência com o seu discurso, ao contrário do que era corriqueiro acontecer em épocas assoladas pela inquisição, onde

¹ Embebida do espírito fiel medieval, sempre que utilizada a terceira pessoa do plural refiro-me a mim e a Deus, segundo a influência e contribuição de Sua inegável Mão Providente.

costumava-se voltar atrás no que foi dito a fim de evitar uma possível condenação à fogueira. Porete, no entanto, ainda que tenha sido incansavelmente assediada², em nenhum momento mudou o seu discurso nem tampouco voltou atrás quanto ao que ela acreditava e pregava. Tamanha era a sua fé que alguns historiadores relatam que ela permaneceu com um semblante sereno enquanto caminhava até a praça de Grève, em Paris, onde nobremente cumpriu sua pena, o que, mais uma vez, fortalece sua convicção quanto a sua crença.

O ponto em que dedicamos o nosso esforço é em entender como uma Alma³ aniquilada, que assim o é exatamente por abdicar de todo querer, pode, em contrapartida, permanecer na vontade e no desejo do Amor. Ora, o fato é que o nada querer em Marguerite consiste em libertar-se de todas as vontades do corpo – vulgo os prazeres terrenos e mundanos – tais quais, experimentados por meio da Razão, são considerados como obstáculos para aqueles que também almejem conquistar a honra do encontro, enquanto em vida, com a Divindade. Posto que esse era o discurso que Marguerite Porete pregava: a possibilidade de ter não somente um, mas vários encontros com Deus⁴, mediante a permanência em determinado estado de graça. Estados esses que eram, por assim dizer, o caminho a ser percorrido para o alcance da Divindade. Do mesmo modo como a subida aos degraus são necessários para chegar ao topo da escada, Porete confia os sete estados de graça forçosos de serem percorridos para alcançar o *Topo da Montanha*⁵.

Por conseguinte, o presente trabalho tem por objeto de reflexão e discussão a experiência mística vivida por Marguerite Porete durante a Idade Média, período fortemente marcado pela predominância da religião cristã católica, bem como pela inquisição, consagrada por calar a voz de quaisquer que fossem pretensos a agir (de modo) ou difundir (saberes) que ousassem pôr em risco o que era estabelecido pela igreja como princípios morais e de conduta cristã. Ainda que podada⁶ pelas forças medievais soberanas, buscamos investigar o que levou Marguerite a permanecer coerentemente agindo com base naquilo que crera. Movida por uma fé misticamente

² Conforme consta nos autos do seu processo inquisitório.

³ Alma aparece em maiúsculo sempre que faz referência a Alma de Marguerite Porete.

⁴ A Alma que perseverasse no quinto estado e não recaísse para algum dos estados antecessores, era capaz de tornar a encontrar-se com a Divindade.

⁵ Metáfora utilizada para descrever os 6/7º estados.

⁶ Refiro-me a Marguerite, conquanto situada na predominância da inquisição.

inabalável, nem mesmo a autoridade exercida pelo cristianismo fora capaz de impedi-la de seguir cumprindo aquilo que lhe fora designado pelo seu Senhor.

Buscamos, ainda, analisar a possível influência que o conhecimento da possibilidade de uma vida simples e aniquilada proposta por Marguerite pode ou não custar em indivíduos contemporâneos. No mais, trataremos de investigar os motivos encobertos por trás da tentativa de subtrair a participação das mulheres na história, estudando a razão pela qual a igreja cristã católica sustenta e difunde o signo de submissão feminina. Assim, ao tratarmos de Marguerite Porete, invocaremos, por conseguinte, o significado e sobretudo a importância do papel que as mulheres medievais tiveram, bem como as suas atinentes contribuições para a filosofia.

CAPÍTULO 1: A AUTO-ANIQUILAÇÃO COMO PRESSUPOSTO DE UMA VIDA COM CRISTO

Um dos motivos que levaram Porete a ser condenada como herética foi a sua convicção de que não é necessário *passar para outra vida*⁷ para se alcançar o Divino. Ela acreditou e defendeu, com base na sua própria experiência mística, que é possível encontrar-se com Deus e, mais que isso, unir-se a Ele, tornar-se Ele porquanto se está Nele. “Agora, diz Amor, essa Alma é nele, é dele e por Ele, sem nada receber de ninguém, senão dele” (PORETE, 2008, p. 122). Ademais, Marguerite alerta os seus ouvintes sobre a dificuldade de entendimento que se segue do primeiro estado de graça, oriundo da morte do pecado, até o último estado de glória, onde se torna possível a experiência do *Longeperto*. Para tanto, a Alma carece sofrer três mortes: do pecado, da natureza e do espírito a fim de alcançar o estado de aniquilamento onde não há mais vontade. Não obstante, Porete enuncia os sete⁸ estados que a Alma aspirante ao encontro precisa ultrapassar. Encontro este que, por sua vez, enquanto em vida, se dá no sexto estado, embora não necessariamente em ordem cronológica, quando a Alma vê-se completamente despida dos sentimentos mundanos, os quais Marguerite considera como empecilhos para o alcance ao que ela irá metaforicamente chamar de Topo da Montanha *lugar* onde se dá o próprio encontro com Deus. Logo, os setes estados de graça são tratados, n’*O Espelho*, enquanto o caminho que direciona a Alma simples ao seu auto-aniquilamento a fim de encontrar-se com o Tudo em seu nada.

(*Alma*): – Prometi, quando Amor me aprisionou, dizer alguma coisa sobre os sete estágios, que chamamos estados, pois eles assim o são, diz essa Alma. Esses são os graus por meio dos quais ascendemos do vale ao cume da montanha, tão isolado que aí não vemos senão Deus, e cada grau está estabelecido num determinado estado (PORETE, 2008, p. 188).

Os quatro primeiros estados de graça ainda carregavam consigo certo grau de servidão. É somente no quinto estado que a Alma está inteiramente liberta de todo sentimento atribuído à Razão – nesse instante a Alma aniquilada está puramente emancipada de todo e qualquer querer. É, pois, no quinto estado de graça que essa Alma se encontra numa posição onde nada lhe falta. Envolta da pureza que somente a Alma

⁷ Segundo a pregação cristã sobre a existência de uma vida eterna.

⁸ Marguerite estabelece sete estados, embora o encontro se dê no sexto conquanto o sétimo estado apenas é possível de ser *vivido* no País da Vida o que, portanto, pressupõe a estadia no paraíso.

livre das vontades conhece, é aqui onde ela poderá ser frequentemente conduzida ao sexto estado, todavia apenas por pouquíssimo tempo. O sexto estado é, por assim dizer, uma espécie de abertura de “portal”, também chamado de *centelha*, na medida em que tem uma duração tão breve como a de um clarão que rapidamente se apaga. Não se pode, dessa maneira, estacionar-se no sexto estado, mas apenas brevemente desfrutá-lo e logo em seguida tornar ao quinto estado, onde repousa a Alma livre das vontades.

A experiência da centelha é, portanto, o próprio encontro com o Amado⁹ que, ainda que rapidamente finalizado, é capaz de proporcionar a Alma o estado de Nobreza através da completa liberação de *todas as coisas*. Assim, quem conseguisse tornar dessa experiência e se manter livre, permaneceria no quinto estado sem decair para o quarto, uma vez que, no quinto estado, não há mais vontade alguma e é onde a Alma conserva-se após seu encontro com o Amado. Por meio desta, nasce a expressão *Longeperto*, onde, no quinto/sexto estado, através da experiência da centelha, a Alma se encontra tão perto e, na mesma medida, tão longe do Amado, embora sempre confortada pela imensurável paz que tal experiência lhe proporciona. Dessa maneira, o sexto estado significa assistir a demonstração da glória da Alma. Um ato nobre que assim o é por durar somente o instante de um breve clarão, impedindo que a Alma tenha qualquer consciência da experiência que vivencia no dado momento do seu ato.

Ademais, Marguerite Porete sempre demonstrou coerência entre o seu estilo de vida e a sua pregação. E, se por um lado, tal fato atribui maior relevância aos seus ditos, por outro nos leva a questionar o que encoraja uma criatura a abrir mão da sua própria vontade de modo que, motivada pela fé, manteve-se fiel à sua própria verdade, ainda que consciente da dura consequência que sua atitude certamente traria, posto que, a todo momento, Porete deixou claro ter plena consciência do que acarretaria a sua pregação e, principalmente, a divulgação da sua obra. Consciência essa que não fora suficiente para refrear uma Alma que já se encontrava encoberta pela Nobreza de Amor. Não obstante, essa Alma não só *não* se deixou conduzir pelo temor como, de certo modo, o enfrentou ao responder com silêncio às investidas que constantemente sofrera.

(*Amor*): – A herança dessa Alma é a perfeita liberdade, cada uma de suas partes tem o seu brasão de nobreza. Ela não responde a ninguém

⁹ Em *O Espelho*, enquanto escrito influenciado pela literatura do amor cortês, Marguerite nomeia Amor, Amado e Esposo, o personagem que caracteriza o Rei Alexandre, *objeto* do amor de uma donzela que o ama à distância e o faz presente pela presença desse amor, que é analogamente referenciado pela imagem de Deus.

a menos que queira, se ele não é de sua linhagem; pois um nobre não se digna a responder um vilão que o chama ou o convida ao campo de batalha. Portanto, quem chama uma tal Alma não a encontra; seus inimigos não conseguem dela nenhuma resposta (PORETE, 2008, p. 148).

Outra nítida demonstração disso é quando já na abertura da sua obra, Porete fala à Santa Igreja, a Pequena, alertando-a de que somente aqueles que prosseguirem com humildade serão capazes de entender o que ela vos fala.

Teólogos e outros clérigos,/ Aqui não tereis o entendimento/ Ainda que tenhais as ideias claras/ Se não procederdes humildemente;/ E que Amor e Fé conjuntamente/ Vos façam suplantar a Razão,/ Pois são as damas da mansão (PORETE, 2008, s/p).

Aqueles que são guiados pela Razão, não serão, portanto, capazes de compreender a obra poretiana. Prevendo a contínua rejeição d'*O Espelho*, Porete envia a sua obra para aprovação de três autoridades religiosas, que a aprovam apesar de algumas ressalvas: a obra deveria ser preservada e apenas algumas poucas pessoas capazes de compreendê-la poderiam ter acesso a ela. Contrário ao que lhe fora recomendado, Porete insiste na continuidade da pregação da sua obra e, somado a isso, trata de providenciar mais cópias do manuscrito. Escrito na língua do povo, *O Espelho* é pensado para a propagação do pensamento ordenado pela vontade de Amor. Assim é, pois, que se origina um dos tantos motivos que se somaram para conduzi-la à condenação.

Igualmente como acontecera com as personalidades que, por alguma razão, sofreram processos inquisitórios, Marguerite teve a chance de se redimir perante à igreja caso voltasse atrás com o que tivera dito. Todavia, irredutivelmente, ela não só não nega a sua crença como não responde a nenhum interrogatório que lhe é feito, conquanto o estado de aniquilamento em que a sua Alma se encontrava era tão pleno e sublime que a manteve serena inclusive no momento de sua morte, segundo afirmam relatos, porquanto do aniquilamento origina-se a Nobreza da Alma que a faz repousar no seu *nada* querer, ter e ser.

Amor: – Essa alma, diz Amor, não se importa com vergonha nem honra, com pobreza nem riqueza, com bem estar ou ansiedade, com amor ou ódio, com inferno ou paraíso. [...] não é mais a sua vontade o que quer, mas é agora a vontade de Deus que quer nela; pois essa Alma não permanece no Amor, que a faria querer isso por meio de algum desejo; ao contrário, é o Amor que permanece nela, que tomou sua vontade e por meio dela realiza a sua própria vontade. Assim,

Amor opera nela sem ela, razão pela qual ela não tem mais nenhuma ansiedade (PORETE, 2008 p. 38).

Logo, o aniquilamento é o mais puro estado cabível às Almas simples por meio do qual é possível alcançar a Nobreza. A Alma aniquilada é livre na medida em que não lhe compete vontade. Nela, opera apenas a vontade de Amor. Nada sabe, nada quer, porquanto quem quer, segundo o juízo de Marguerite, acaba por afastar-se do seu Senhor uma vez que *entende* o que é bom ou mau para ela, bastando-se a si mesma e, por conseguinte, tornando-se independente da providência divina. Contrária à Alma aniquilada que nada quer, senão que a vontade de Deus impere sob ela. Essa Alma é, pois, dita livre pela ausência de vontade, porquanto quem algo deseja torna-se escravo do seu próprio querer. A auto-aniquilação, logo, denota morrer para o mundo a fim de viver *para* Cristo, *com* Cristo e *em* Cristo no País da Vida.

O primeiro passo para os desejosos a seguir o caminho que conduz ao País da Vida é exposto por Marguerite logo no início da sua obra, onde a Santa Igreja fala sobre os mandamentos escritos na bíblia. Amar a Deus sobre todas as coisas, amar a si como verdadeiramente se deve, e amar ao próximo como a si mesmo são citados como o sentimento mínimo que se espera daqueles que anseiam seguir adiante nessa mística proposta de busca ao Amor. Usando, ainda, o exemplo de uma passagem bíblica onde o próprio Cristo afirma que para segui-lo legitimamente é preciso abandonar todas as riquezas do mundo a fim de alcançar o verdadeiro tesouro nos céus, é possível observar, a partir desse ponto, o início do sentimento de despojamento por meio do qual pouco a pouco irá se instaurar o auto-aniquilamento através da capacidade de abdicar de toda vontade *pela vontade* única de cumprir somente a vontade de Amor. Alcançando, deste modo, o exercício da verdadeira caridade, na medida em que quem a cumpre morre para o mundo pelo fruto desta mesma caridade que nada reivindica, nada compete, nada exerce senão a vontade de Amor, ou aquilo que agrada a Amor e, que, portanto, nada recebe e, na mesma medida, tudo ganha por não receber nada e por meio deste mesmo nada receber tudo de Amor ou o *Todo Amor*.

1.1 AS TRÊS MORTES

Não obstante, se fazia ainda necessário morrer três mortes totais para “renascer para a vida divina”. Cada morte está vinculada ao renascimento para uma outra vida e,

ainda, acontecem em paralelo aos estados que conduzem ao aniquilamento da Alma. Em primeiro lugar, era preciso morrer para o pecado, o que significava que a Alma deveria morrer inteiramente para tudo aquilo que é julgado pecado por meio dos ensinamentos divinos; tal Alma dever-se-ia, pois, resguardar-se daquilo que por Deus é condenado. Quem o consegue, passa a viver a vida de graça, onde se encontra a satisfação puramente no resguardar-se do que Deus proíbe e seguir somente o que Deus ordena. Embora já iniciado o processo de aniquilação da Alma pela abstenção da vontade, Marguerite atenta para o fato de que a Alma morta para o pecado é pouco cortês pelos hábitos ainda guardados em sua natureza.

A segunda morte é, pois, a da natureza – conquanto conquistada conduz à vida do espírito – quando a Alma, a seguir o exemplo do espelho que foi Cristo, abandona as riquezas e honrarias que outrora bastava para satisfação de sua natureza humana. Aqui, chamada pelo conselho de Cristo, a alma se põe em comunhão com o que por Ele fora sofrido pela obtenção da nossa remissão. Salva-se, portanto, de modo mais nobre do que as que não ainda não morreram para a natureza. Por fim, a terceira morte se constitui na morte do espírito, que pressupõe a vida divina. A Alma aniquilada para o mundo e suas delícias alcança o mais nobre estado de *comunhão* com Cristo. Nesse ponto a Alma obtém intimidade com a Deidade, quando não há mais necessidade de mediadores entre as partes. A Alma deseja o esquecimento dos seus amores mundanos, conquanto em muito se distanciam da pureza do amor que essa Alma agora tem por Amor. Morrer para a vida do espírito significa, pois, nascer genuinamente para a vida com Cristo e em Cristo, porquanto a terceira morte associa-se à plenitude na nobreza que compõe o quinto estado do auto-aniquilamento da Alma.

1.2 OS SETE ESTADOS DE ANIQUILAMENTO DA ALMA

O **primeiro** estado (...) é aquele no qual a Alma (...) tem a intenção de observar em sua vida (...) os mandamentos de Deus, por Ele ordenados na lei (...). O **segundo** estado (...) é aquele no qual a Alma considera o que Deus aconselha a seus amados especiais e que vai mais além do que aquilo que ordena (...). O **terceiro** estado é aquele no qual a Alma se considera no sentimento do amor da obra de perfeição, no qual seu espírito decide (...) multiplicar nela tais obras (...). O **quarto** estado é aquele no qual a Alma é absorvida pela elevação do amor nas delícias do pensamento na meditação e abandona todos os trabalhos externos e a obediência a qualquer outro pela elevação da contemplação (...). O **quinto** estado é aquele no qual

a Alma considera que Deus é, Ele por meio de quem todas as coisas são, e ela não é, se não é onde todas as coisas são. O **sexto** estado é aquele no qual a Alma não se vê mais, qualquer que seja o abismo de humildade que tenha em si; nem vê Deus, qualquer que seja a altíssima bondade que Ele tenha (...). Quanto ao **sétimo** estado, Amor guarda em si para nos dar na glória eterna, e dele não teremos compreensão até que nossa alma tenha deixado nosso corpo. (NOGUEIRA *apud* PORETE, 2012, p. 132).

No primeiro estado, como já antes assinalado, a Alma ainda se encontra presa na obediência às virtudes enquanto ensinamentos da Sagrada Escritura. Os Mandamentos são aqui ainda experimentados como regras e pressupostos para a harmonia de uma vida, aos olhos divinos, bem vista. E o faz enquanto ama a Deus sobre todas as coisas e aos outros como a si mesma. No segundo estado, em coerência com os ensinamentos obtidos de Deus, a Alma inicia a sua experiência de *nadificação* quando abandona a si mesma conduzida pela necessidade de seguir o que lhe fora recomendado pelo próprio exemplo de Cristo no Evangelho. No terceiro estado de graça, a Alma percebe-se no desejo de realizar a vontade de Amor pelas obras da bondade que lhe nutre o espírito. No quarto estado encontra-se em plena contemplação; abandona a obediência às virtudes e concerne ao nada na compreensão de Deus, que lhe comunica por meio da meditação. No quinto estado a Alma enxerga a Deus enquanto Aquele que É em todas as coisas e reconhece sua pequenez na medida em que *não é*, conquanto não pode sê-lo em todas as coisas. Inebriada pelo *nada* que compete a uma Alma aniquilada, no sexto estado a Alma não mais enxerga a nada, na ausência do seu próprio *ser* que, tomado pela vontade de Deus, não é senão em coesão com seu Amado. Quanto ao sétimo e último estado de graça, nessa vida nada pode ser compreendido ou dito, quando apenas no paraíso haverá de se efetivar.

1.3 O PARADOXO

O aniquilamento da Alma, consiste, portanto, na morte para o mundo, de modo a incluir até mesmo a prática das virtudes que, por sua vez, são encaradas como servidão e empecilho. Todavia, a questão primeira que determina fundamentalmente aquilo que rege a investigação da presente pesquisa consiste numa pergunta fundamental: como uma Alma que está em toda a sua trajetória a afirmar que para encontrar-se no País da Vida junto ao Amor é forçosamente preciso abrir mão de toda a

vontade pode, paradoxalmente, *permanecer somente na vontade e no desejo do Amor?* Como é possível justificar a ausência da vontade pela necessidade da presença de uma vontade secundária? Quanto a isso, Marguerite explica que a *sua* vontade não é propriamente *sua*, mas a vontade de Amor agindo sob ela, pois não é a Alma aniquilada que permanece no Amor, mas o próprio Amor que permanece nela, tomando para si a vontade dessa Alma na medida que o seu querer não é nada mais que a vontade de Amor manifestada em *sua* Alma.

Amor: – Razão, diz Amor, não é mais a sua vontade que o quer, mas é agora a vontade de Deus que quer nela. Pois essa Alma não permanece no Amor, que a faria querer isso por meio de algum desejo; ao contrário, é o Amor que permanece nela, que tomou a sua vontade e por meio dela realiza a sua própria vontade. Assim, Amor opera nela sem ela, razão pela qual ela não tem mais nenhuma ansiedade (PORETE, 2008, p. 39).

A Alma aniquilada, portanto, não somente se encontra com o Divino, mas une-se a Ele e *é* Ele porquanto *está* Nele, fundida, absorvida, anexada e unida ao Amor no País da Vida.

Amor: – Eu vos digo, diz Amor, que aquele que está lá onde essa Alma está, é dele, nele, por Ele, sem nada receber de ninguém, mas somente dele. Agora, diz Amor, essa Alma é nele, é dele e por Ele, sem nada receber de ninguém, senão dele (PORETE, 2008, p. 122).

Ao ser questionada pela presença da vontade e do desejo quando forçosamente assegurada a necessidade antecipada de suas respectivas ausências, Marguerite apresenta as causas que justificam tal permanência, segundo as quais têm por razão de si a permissão, bem como a recomendação¹⁰ de Amor na constituição dos mesmos.

Sua Alteza o Entendimento do Amor: – Agora, Entendimento da Razão, diz sua Alteza o Entendimento do Amor, compreendi a rudeza de vossa incompreensão. Se essa Alma aniquilada quer a vontade de Deus – e quanto mais ela a quer, mais ela a quererá – ela não pode tê-la, por conta da pequenez da criatura, pois Deus retém a grandeza de seu direito divino. Mas Deus quer que ela a queira e que ela tenha essa vontade, e tal vontade é a vontade divina, que dá esse estado à criatura livre. Essa vontade divina, que Deus a faz querer, corre através dela no fluxo da compreensão divina, no âmago do amor divino e na união da louvação divina, Porém, a vontade da Alma os inibe.

(Amor): – Portanto, como a Alma poderia ter uma vontade, já que a Compreensão Clara sabe que há um estado entre todos, o mais nobre de todos os estados, que a criatura não pode alcançar, senão por meio do nada querer? (PORETE, 2008, p. 51).

¹⁰ Quando Marguerite afirma que o próprio Deus *quer que ela queira tal querer*.

Sendo a vontade de Deus, e não a sua própria vontade que impera e coordena essa Alma, os seus atos são, deste modo, guiados pela força dos bons hábitos que lhes foram ensinados e pelos mandamentos da Santa Igreja. Viver no País da Vida, quando Amor habita nessa Alma implica estar livre e despojada de toda a vontade, alforriada, inclusive, quando não está mais em obediência das virtudes, ainda que permanentemente siga uma Alma virtuosa, embora agora de modo a não mais praticá-las, na medida que quem as pratica fatalmente acaba por tornar-se escrava dessa prática. Pois que a alma onde Amor habita e impera é senhora de si e não admite intermédios para buscar a Deus nem tem em vista uma vida voltada para a redenção – no sentido de conformar-se com a dor em vida a fim de alcançar a bem aventurança nos céus. Interessa, no entanto, a contínua residência no Amor, que toma para si a Alma aniquilada e nela faz sua morada, quando, em igual medida, também dela se torna morada.

1.4 A REINCIDÊNCIA

Marguerite, em sua atuação mística e deveras profana, almejava obter a glória em vida. Ainda que o estilo de vida beguina¹¹ que escolheu seguir implicasse o contentamento pelo que bastasse a sua natureza, o hábito de ajudar aos mais carente e a satisfação com o que lhe fora suficiente somada a não redenção aos luxos que o seu aparente berço aristocrata poder-lhe-ia proporcionar, tomando como base os seus escritos, é clara a compreensão de que a Alma aniquilada de Marguerite aparentava não estar interessada em sofrer grandes sacrifícios terrenos. Por isso mesmo ela não admitia qualquer espécie de servidão ou intermédio para buscar a Cristo, esses, na verdade, eram por Marguerite entendidos como reais empecilhos. Influenciada pela literatura profana do amor cortês, talvez a sua maior heresia tenha sido a pregação da possibilidade de uma experiência celeste na terra, vulgo a oportunidade de encontrar a Deus ainda enquanto vivente carnal.

¹¹ As beguinas formavam um grupo de mulheres que se dedicava á vida religiosa, porém sem votos formais, o que lhes permitiam abandonar sua condição se assim o quisesse. Dedicavam-se aos pobres e doentes, vivendo de modo simples e contemplativo.

Ora, qual afronta maior pudera ser imposta à Igreja Católica, em tempos de sua *mais* forte atuação inquisitória, do que fazer cair por terra o seu *mais* agudo discurso, aliena e amedrontador, que pressupõe – ou *impõe* – a servidão no seu significado puramente rude? Por outro lado, o som que ecoava de Marguerite, insubmissa e contestatória, era a de uma voz que professava uma fé de *possibilidades*. A possibilidade de uma experiência mística que pressuponha a liberdade de uma Alma aniquilada que nada quer, mas Tudo ganha ao ser nada e, pelo nada, ter o Tudo atuando em sua Alma nadificada.

Tudo e nada, desde os primeiros passos ou *sintomas do sentimento* do auto-aniquilamento, ou, ainda, da própria ausência de sentimento¹², Marguerite esteve inebriada pelo Todo enquanto, paradoxalmente, buscava fazer-se nada. Nada e Tudo. Complementando-se entre dois extremos, fora assim que ela pôde perceber-se enquanto possuidora de uma missão, missão essa que lhe faria responsável por propagar uma possibilidade que outrora era inimaginável de ser concebida. Marguerite recebe de seu Amado a tarefa de difundir as vias que conduziriam as Almas simples a viver uma vida livre, aniquilada e nobre. E o faz. Ainda que a um alto custo, colocando-se à frente da *mais* forte instituição que predominava no medievo, não de modo inconsequente, mas com a bravura de quem sabia o que poderia lhe acarretar. Marguerite prega. E com o fervor de uma fé despojada põe em risco o discurso da igreja católica ao instaurar o privilégio da dúvida, do questionamento, do conhecimento. Não suficiente o fato de ser uma mulher que pregava e que, portanto, fazia uso da voz num contexto histórico marcado por um seletivo grupo possuidor da palavra, a sua fé gritava na mesma medida com que, serenamente, se calava.

Talvez mesmo por isso, Marguerite afirme tantas vezes em sua obra a necessidade de ser uma Alma simples para compreender, minimamente, o que ela quis transferir enquanto repercutia uma mensagem de Amor – na medida em que Deus a usa para falar ao mundo – ainda que, na verdade, a compreensão inteira e puramente do que é dito nem mesmo àqueles que se encontram no paraíso são capazes de possuir, porquanto não cabe a ninguém compreender a imensidão do significado que coexiste em Amor. E mesmo por isso Marguerite tenha aceito tão concisamente a missão que lhe fora incumbida. Por toda a sabedoria que já havia recebido pela bondade do seu Senhor,

¹² Em referência à vontade, à *negação* da vontade, ao nada querer, ao auto-aniquilar-se.

era conhecido por ela o que havia de ser necessário enfrentar. E enfrentou. Na medida em que não se calou frente às constantes advertências que lhes foram direcionadas, quando respondeu com silêncio às investidas sofridas durante seu processo inquisitório e, mais fortemente ainda, quando aceitou, indubitavelmente, sua condenação sem jamais dar sinais, por menores que fossem, de qualquer sentimento de dúvida quanto aquilo que ela acredita e pregava desde os primeiros passos de sua jornada.

Muito embora Marguerite tenha sempre demonstrado grande coerência em sua postura quanto aquilo que crera, é bem possível que todo o seu destemor para com a natureza humana – sua, mas sobretudo com os que poderiam, de alguma forma, atingi-la – seja justificado pela certeza de que nada teria a perder, quando certa que o seu Tudo estava e haveria de permanecer ali, anexado em sua própria Alma livre, nobre e aniquilada. Essa Alma sequer pertence a si mesma, quiçá possa temer o que lhe pudera acontecer que não transcenda o seu querer, o seu entendimento e, especialmente, o seu ser. “Mas essa Alma diz: – Não há nenhum menos, não há nada exceto o tudo. Isso posso bem e verdadeiramente dizer” (PORETE, 2008, p. 47). Marguerite sempre teve em si tudo quanto lhe bastava, ou mesmo mais do que pudera querer, pois a Alma simples e aniquilada não mais se ocupa dos arranjos mundanos da sua natureza humana, uma vez que respira somente aquilo que diz respeito ao seu Senhor. Logo, é nesse ponto que Marguerite comete mais uma afronta à instituição católica, ao rejeitar as missas e os sermões, acaba por destoar a voz dos clérigos pelo ecoar de sua própria pregação.

A fé de Marguerite, diferente da impressa aos fiéis pelos sacerdotes da Santa Igreja, comunicava o sentimento de despojamento e isso implicava o desapego aos templos sagrados que pressupunham uma noção enraizada de modo a se pensar que a Santidade estivera presa aos quatro cantos da Santa Igreja, reduzida, limitada, privada. Instruída com o dom ofertado pela bondade divina, Marguerite bem sabia que o seu Amado está presente em todos os lugares e em todas as coisas, sabia, ainda e sobretudo, que Ele se encontrava verdadeiramente nela.

A Alma aniquilada, destarte, não somente encontra-se com o seu Amado, mas *torna-se* o próprio Deus na medida em que abdica de si mesma para agir apenas conforme a Sua santa vontade. Essa Alma, santificada¹³ pela vontade de Amor, não

¹³ Em referência ao que repetidamente é possível destacar n’*O Espelho* quando a Alma aniquilada funde-se em seu Amado. Santo. E que, por isso, santifica essa Alma conquanto fundida no *objeto* de sua santidade.

mais serve a sua natureza humana nem permite interpelar-se por seus agentes. Tamanha é a nobreza da Alma aniquilada que a torna soberana e livre, eximindo-a de todo sentimento mundano que lhe cause temor, tristeza ou conformidade. Na Alma livre não cabe temperança ou *acrasia*, conquanto ela dá à natureza aquilo que lhe deve ser comunicado como fundamento necessário e nega tudo o mais que em nada contribui para a sua vida com Cristo e em Cristo.

Amor: – Eu sou Deus, diz Amor, pois Amor é Deus e Deus é Amor, e essa Alma é Deus por condição do Amor. Eu sou Deus pela natureza divina e essa Alma é Deus pela justiça do Amor. Assim, essa minha preciosa amada é ensinada e guiada por mim, sem ela, pois ela foi transformada em mim e, por isso, diz Amor, porta o meu ensinamento (PORETE, 2008, p. 65).

A pura liberdade das Almas simples e aniquiladas também se deve ao fato de que nelas, sabidamente, compete a fluência de quem compreende a sua transformação no Amor, de modo que seu querer agora caminha em comunhão com o querer do seu Deus. A vontade dessa Alma que se *radifica* em busca do Amor está em concordância com a Sua vontade, pois não há nada que ela quisesse ou não quisesse para si que não fosse, em verdade, a própria vontade de Amor nessa Alma. Em causa disso, a Alma aniquilada não teme o júri pelos seus pecados nem espera a glória pelos seus bons feitos. Essa Alma, tomada pelo Amor, *morta de amor*, não pode mais ser responsabilizada pelas suas ações ou seus pecados, pois ao se fazer nada e obter o Tudo em si, ela está livre porquanto não age mais por si nem mesmo pelo seu Deus, mas tão-somente Deus age nela e por ela.

Amor: – Essa Alma, diz Amor, não está mais consigo mesma, razão pela qual deve ser perdoada por tudo; e aquele em que esta faz sua obra por meio dela, e por isso ela está totalmente livre pelo testemunho do próprio Deus, diz Amor, que é quem realiza esta obra em benefício dessa Alma, que não tem mais em si nenhuma obra. (PORETE, 2008, p. 89).

É, decerto, com a certeza da isenção de culpa por suas ações e de que essas mesmas ações eram obra do seu Amado tomando seu ser, sua vontade, que Marguerite age desatada da sua própria natureza e das regras da Razão. Mesmo por isso ela não tenha demonstrado temor pelos castigos¹⁴ da Santa Igreja, porquanto sabia, em seu

¹⁴ Em referência aos avisos que lhe fora dado por parte da Igreja a fim de frear a divulgação de *O Espelho*.

íntimo, que sua missão¹⁵ era superior a tudo que pudesse ser feito contra ela por aqueles que eram ainda regidos pela Razão – e, deste modo, não cabíveis de compreensão daquilo que determinava a *sua* vontade. Assim Amor lhe revela, no mesmo momento em que lhe encarrega de sua missão, que haverão de existir aqueles que não a entendem, pela ausência do dom ofertado pelo espírito e abundância do pensamento reacional.

(Alma): – Senhor, diz a Alma, meus pecados não podem ser conhecidos por ninguém neste mundo, tão feitos e ocultos são, exceto por vós. Mas, Senhor, no paraíso, todos os que lá estiverem os conhecerão, não para o meu embaraço, mas para minha grande glória; pois ao verem que com meus pecados eu vos encolizei, sua misericórdia e sua generosidade plena de cortesia serão conhecidas.

(Amor): – Tal cortesia, diz Amor, dá paz de consciência a essa Alma, seja lá o que faça ou deixe de fazer para querer a vossa vontade, pois querer perfeitamente a vossa vontade é a caridade perfeita. E quem quer que tenha sempre a caridade perfeita em sua vontade, jamais terá remorso nem a consciência culpada. Pois o remorso e a consciência culpada na Alma não são outra coisa senão falta de caridade; pois essa Alma não foi criada para outra coisa senão para ter em si, sem fim, o estado da pura caridade. (PORETE, 2008, p. 84).

A nobreza dessa Alma está na liberdade da pura caridade que guarda em si a abstenção da culpa pelas escolhas de suas ações, ou ainda pela recusa em fazê-las. Mesmo por isso, não somente pela cumplicidade de Amor para com suas ações, mas sobretudo por serem (as ações) de todo ordenadas pelo próprio Amor, que a essa Alma não compete perdão, pois que Amor, a quem lhe interessa aprovação, é o mesmo que age conduzindo-a naquilo que é usado para a condenação. Sendo Deus a causa e o perdão, Marguerite segue, sem culpa, guiada pela Nobreza da sua Alma aniquilada e justificada pela vontade do seu Divino Amor.

Destarte, na medida em que a Alma aniquilada não tem mais vontade, mas somente a vontade de Deus nela, *O Espelho das Almas Simples* foi escrito, por Marguerite Porete, como instrumento para realizar a vontade divina pela abdicação da vontade, que lhe torna nada, e que pelo nada traz a claridade necessária para reflexão de Amor, pelo espelho agora representado nessa Alma.

1.5 A LIBERDADE

¹⁵ Quando é dito, pela autora, que a escrita e divulgação de *O Espelho* lhe é uma missão dada pelo seu Amado.

A virtude, sobretudo a Razão, enquanto senhora das Almas, as impõe o peso de viverem sob um comando fundamentado na dor. Caminho oposto ao que prega Marguerite, a prática das virtudes, nesses termos, pressupõem o consentimento de viver uma vida baseada no sofrimento terreno porquanto dure o pesar da espera pelo juízo final. Em *O Espelho*, Marguerite fala sobre as virtudes e suas deficiências em estágios diferentes segundo o grau em que se encontra a Alma serva, na medida em que há aquelas que são de todo regidas pela Razão e escravas das virtudes, mas também as Almas que poderão vir a permanecer no amor embora estejam ainda sob o peso da dominação das virtudes. Marguerite explica que a liberdade da Alma aniquilada se sobrepõe a sua autoridade, na medida que sua emancipação somente foi possível por essa Alma ter se tornado mais sábia que a Razão enquanto ainda fora sua senhora, detentora não só do conhecimento das virtudes, mas do Divino Amor que transpassa a essa Alma o conhecimento na mais completa amplitude do que pode ser conhecido pelas Almas escolhidas. Uma vez liberada da dominação imposta pela prática das virtudes, sobretudo do regimento da razão, Alma simples, agora aniquilada, experimenta a Nobreza da liberdade em sua plenitude e toma para si o papel de Senhora.

(Alma): – Agora os débitos estão invertidos, diz a Alma à Razão, e por bom direito, pois a nobreza da cortesia de meu esposo não permitiria que eu permanecesse sob vossa servidão, nem sob qualquer outra. Pois é preciso que o esposo liberte a esposa, que ele tomou por sua vontade.

Amor: – Está é a verdade, dulcíssima Alma, diz Amor, eu o concedo e confesso.

Razão: – Ah, por Deus! Dama Alma, diz Razão, vós pensais, dizeis e fazeis o que quiserdes, pois é o que Amor quer e concerne.

Alma: – Ah, Razão, diz essa Alma, como sois rude! Amor quer e concede que eu diga, pense e faça tudo o que quero; e por que não o faria?, diz a Alma. Propriamente é ela que o faz, pois por mim nada posso fazer, se meu amado não o fizesse em mim. E vós admirais, diz a Alma à Razão, que ele queira o que eu quero? A ele convém querer, pois eu não quero senão aquilo que ele quer em mim, e o que ele quer que eu queira; neste ponto ele me assegura com sua cortesia, que ele quer o que quero, e não quer o que não quero. Por isso, Razão, tenho paz, diz a Alma, pois ele e eu temos esta concordância entre nós (PORETE, 2008, p.83).

A Alma encontra-se, pois, em sua perfeita liberdade na medida que a sua vontade está de todo justificada pela própria vontade do seu Senhor, Esposo, Amado. Pois que, a auto-aniquilação e a *nadificação* da sua vontade compete a essa Alma a liberdade de quem reside em Amor e ao mesmo o têm como residente. A vontade dessa *alma simples e aniquilada e que permanece somente na vontade e no desejo do amor*

consiste no manifesto da realização da vontade de Deus que inunda a Alma *nadificada* com a Sua vontade, operando nela na medida em que a vontade dessa Alma não é nada mais que a vontade de Amor sobreposta sobre ela. Portanto, *a vontade e o desejo* do amor não são a vontade e o desejo da Alma de obter algo do Amor, mas a sua *nadificação* usada como instrumento para a pura realização *da vontade e do desejo* do próprio Amor que perpassa o entendimento da Razão enquanto se apresenta na Alma que, ao se fazer nada, pura e límpida enquanto liberta da sua Natureza faz-se espelho¹⁶ da imagem do Amor na medida em que dá vida a Sua vontade e ao Seu desejo.

¹⁶ Fortemente utilizada no período medieval, a metáfora do espelho aparece como instrumento análogo a imagem manifestada de Deus.

CAPÍTULO 2: ABORDA O POSSÍVEL ALCANCE PORETIANO SOBRE OS CONTEMPORÂNEOS

Há que ressaltar a realidade temporal onde se situou a experiência mística de Marguerite. Envolto de uma efervescência religiosa, o período medieval é marcado pelos dogmas de fé. E muito embora grande parte dessas crenças tenha sido capaz de se perdurar até a contemporaneidade, cabe, aqui, uma análise do ponto de vista investigativo do quanto *O Espelho* pode ou não ter uma influência sobre a vida dos contemporâneos. Ainda que declarada a *morte*¹⁷ de Deus, boa parte dos homens conserva em si o sentimento de que *há sim* um ser maior que justifique a nossa estadia na terra.

Partindo, pois, deste pressuposto, se aliarmos a crença em um ser celestial à possibilidade de uma vida aniquilada – em que se *tem tudo* e, ao mesmo tempo, *não se tem nada* – numa sociedade paradoxalmente marcada pelos extremos, onde o resultado de sua ressonância denuncia um *antagonismo contraditório* quando, em parte, somos infectados pela alienação e *desvalorização dos valores* e, em contrapartida, por vezes somos arrebatados pelo conhecimento exacerbado. Em tempos de globalização – embora esse mesmo fator facilitador seja um agravador da própria alienação onde a informação nos inunda em fatos, dados e resultados, bombardeando-nos com um grande acúmulo de elementos que acabam acarretando numa vasta lista de questões em que “há que se pensar” –, o quanto pode *proporcionar a proposta* de uma vida que nada oferece e, mesmo por isso, tem tanto a oferecer?

O Tudo e o Nada, em Marguerite, estão diretamente correlacionados com a união que a Alma aniquilada conquista – ao se fazer nada – com o seu Tudo. Ter tudo, na verdade, significa o Tudo que Deus representa ao estar unido com essa Alma, na

¹⁷ Declarada por Nietzsche no aforismo 125 de *Gaia Ciência*, que proclama a morte de um Deus moral cristão, denunciando e atribuindo aos homens a ideia de Deus, o que lhes tornam, respectivamente, responsáveis pela sua *autocriação*.

medida em que quem tem Deus, tem tudo. Ter nada, então, é o resultado do fato de que essa Alma, ainda que simples, aniquilada, livre e nobre, nunca será capaz de obter o Tudo de Deus, que mesmo que por sua infinita bondade esteja unido à tal Alma, a parte que se liga a ela jamais será cabível de comparação ao Todo de Deus que está em Deus e que, por Deus, não poderá ser encontrado ou dividido com mais ninguém exceto com o próprio Deus.

Destarte, aqui tratamos da *parte de Deus*¹⁸ que pode ser encontrada e, sobretudo, *vivida* enquanto em vida. Marguerite questiona alguns ditos da igreja porquanto os ensinamentos cristãos, por vezes, na tentativa de aproximar, acabam por distanciar ainda mais os homens de fé do seu Deus. Não raro, sabe-se da ideia criada de que Deus está na igreja, em seu altar, que o templo sagrado é a Sua morada. Ora, não carece grande conhecimento da religião cristã para saber que, na verdade, o templo e morada de Deus é pura e simplesmente os corpos das suas criaturas. “Ou não sabeis que o vosso corpo é o templo do Espírito Santo, que habita em vós, proveniente de Deus, e que não sois de vós mesmo?” (I Coríntios 6:19) Embora Marguerite tenha, em verdade, cometido uma série de declarações mau vistas aos olhos da Santa Igreja Católica, não pode ser subtraído da sua história o quanto a sua leitura mística tem embasamento nas escrituras ditas sagradas.

Em *O Espelho*, assim como também é possível observar nos escassos, mas existentes relatos sobre a sua vida, Marguerite deixa explícito o quanto ela não está interessada em fazer uso de intervenções, intercessores, mediadores ou quaisquer que sejam os intermediários na sua busca ao Amado. Detentora de uma Alma nobre, ela sábia e fielmente conhece o seu Deus, que por obra de sua infinita bondade, que lhe dá o entendimento daquilo que cabe às almas simples e aniquiladas conhecer. E o reconhece. Não somente operante em sua Alma, mas também em todas as coisas criadas.

Se, pois, tomarmos como fio condutor uma análise do comportamento dogmático contemporâneo sobre o que prega Marguerite em sua obra, seguramente obteríamos resultados que denunciam um amplo destoar dos valores estabelecidos pela experiência mística da autora. Enquanto a fé vivida por Marguerite pressupunha a

¹⁸ Em referência ao que diz Marguerite, em sua obra, quando declara que “(...) pois tudo que essa Alma tem de Deus dentro dela pelo dom da graça divina, lhe parece nada. E assim é, em comparação ao que ela ama, que está nele, e que ele não dará a ninguém exceto a si mesmo.” (PORETE, 2008, p. 54).

parcimônia de uma Alma simples, somente o crescente número de instituições religiosas frequentemente inauguradas relevam o quanto perdemos na tentativa fracassada de buscar vias que nos aproximem do nosso Deus.

A nossa visão contemporânea de fé destoa de tudo o que prega Marguerite. Enquanto a sua fala prega – em coerência ao que diz a sagrada escritura – que é possível encontrar a Deus em todas as coisas, é fácil observar que as leituras trazidas pelas jovens igrejas propõem uma divindade que carece de ser buscada em seu templo e de sacrifícios carnis para a obtenção da glória do espírito. É, ainda, presente em algumas¹⁹ dessas instituições a ideia arcaica de superioridade masculina sobre as mulheres, tal qual é nitidamente transpassada para seus fiéis, disseminando e alimentando um signo que subtrai, deveras, a real participação das mulheres desde os primórdios da nossa história, cristã, filosófica e humana.

¹⁹ Usando de eufemismo.

CAPÍTULO 3: BREVE ANÁLISE DO PAPEL FEMININO

Um dado de conhecimento universal é o papel coadjuvante atribuído às mulheres em toda a história da humanidade. Sabe-se, também, que uma grande parcela da *culpa* do peso desse rótulo de inferioridade carregado forçosamente pelas mulheres – inclusive em tempos contemporâneos – se dá graças a “instrução” *machista*²⁰ designada pela Igreja Católica desde os primórdios da religião cristã. Originado na teoria criacionista, o signo de submissão das mulheres aos homens traz consigo a tentativa de esconder a verdadeira participação do “sexo frágil” numa vertente que sempre coexistiu ao papel dos homens. É possível observar, *a priori*, que a atuação de Eva enquanto primeira mulher criada é relatada a partir de duas caracterizações bastante distintas e, no entanto, com significados pejorativos em ambas: ou a visão da mulher é a de um ser submisso e sujeito à vontade do homem; ou é relacionada ao erro e incumbida de culpa. Todavia, qualquer uma delas sugere vias duplas de interpretações e acaba por dá margem ao que se pensar. Ora, como um ser supostamente submisso e inferior fora capaz de influenciar o homem que, nesses termos, seria mais inteligente? Ou, ainda e paradoxalmente, como o homem, esse ser hipoteticamente mais hábil poder-se-ia deixar-se influenciar por outrem cuja a capacidade é julgada essencialmente inferior?

Talvez o mesmo motivo que permite tais questionamentos seja, por si só, a própria resposta a esse “mito”²¹. É fato que esse signo de inferioridade cada dia se sustenta menos, – embora, em verdade, ainda haja países que culturalmente preferem

²⁰ Livres de anacronismo, a leitura feita da influência da igreja ao papel feminino está guardada a sua temporalidade medieval. Muito embora alguns costumes se estendam aos dias atuais, nosso objetivo não é de subtrair a mudança que hoje já é possível constatar na participação da mulher na igreja, trata-se apenas de uma investigação mais voltada para os tempos de atuação inquisitória.

²¹ No sentido de *descaracterização* de algo tido como verdade absoluta quando, em verdade, consiste numa negação forçosa do real significado presente na participação feminina.

postergar o que claramente não cabe mais rejeição – quiçá nunca tenha verdadeiramente estado de pé não fosse pelo apoio convenientemente oferecido, em grande escala, pela igreja cristã católica. É possível que a história da humanidade pudesse ter sido estabelecida sob outros termos, estruturada sob diferentes alicerces se o *real*²² início tivesse sido por todos genuinamente conhecido. Refiro-me, pois, a suposta primeira mulher criada juntamente a Adão sendo, hipoteticamente, precedente de Eva. Lilith fora, possivelmente, e cuja a história que pouco se sabe, a primeira companheira de Adão, igualmente criada do barro e *não* da sua costela negando, veemente, a versão conhecida através do novo testamento. É, pois, no antigo testamento onde é possível observar resquícios de uma *história* que por muito se tem feito a fim de esconder ou *desconfigurar* fragmentos que revelam uma outra face da mulher primária.

É com esse início de uma história deturpada que as mulheres caminharam ao longo dos séculos, carregando consigo o peso de uma imagem vista sob os óculos da submissão. Marguerite, no entanto, se fez ouvir em tempos onde poucos eram os que tinham a palavra. Movida por uma fé misticamente irrefutável e guiada pela nobreza de alma aniquilada, nem mesmo os perigos da inquisição foram capazes de destoar o som de sua voz.

3.1 AS BEGUINAS

No âmago do que rege a gratuidade da fé, mais do que um papel intelectual na história da mística medieval, as beguinas foram mulheres que se dispuseram a realizar no campo sensível suas contribuições porquanto crentes – embora não fundamentalmente *fiéis*²³ – praticantes. O movimento das beguinas era característico por se constituir por um grupo mulheres de diferentes níveis²⁴ e em igualmente diferentes *agentes* causais. Num período dominado pelo arrebatamento da fé cristã, a procura pelos conventos multiplicou-se de tal modo que chegou-se ao ponto de não haver mais lugares para acomodar tamanha disposição em servir a Cristo em sua completa servidão. De modo a compensar a falta pelo excesso, os *beguinários*²⁵ surgem como alternativa para

²² Hipoteticamente falando, com base no que sugere o Antigo Testamento.

²³ Se tomarmos pelo significado o fato de estarem livres para deixarem sua condição enquanto beguina e, sobretudo, no que toca Marguerite ao não deixar-se governar por determinadas normas da igreja.

²⁴ Pela presença de diferentes classes, no que toca o poder econômicos e de instrução.

²⁵ Espécie de convento onde as beguinas guardavam morada.

as mulheres que buscavam abrigo em Deus. Serviam como amparo para mulheres que perderam seus maridos, bem como para as que fugiam do casamento arranjado. O movimento das beguinhas era configurado pela liberdade que as mulheres tinham ao vincular-se a ele, permitia-se, por exemplo, que as beguinhas deixassem a comunidade para se casar. Eram, ainda e sobretudo, a alternativa das mulheres que comunicavam a vocação de servir a Deus enquanto Sua esposa.

Uma vez acolhidas, davam início a *protagonização* do seu papel que incluía, especialmente, a pregação de sua fé. É, pois, guiada pela coragem de quem livre se vê pela infinita bondade de Amor que Marguerite prega, e o faz não em busca de um enfrentamento à igreja católica, embora destemida do que fosse necessário enfrentar para a propagação de um estilo de vida regido pela abdicação das vontades e que, por meio desta, possibilita às almas simples a encontrar-se com sua Divindade. Na crença de que não pertencia somente ao clero o direito de estabelecer contato com o Divino, nem de que somente na Igreja era possível buscar a Deus, nem de que tampouco fosse esse o único lugar onde tornava-se possível alcançá-lo.

Assim, Marguerite acaba por ser entendida como alguém que prega, muitas vezes, o contrário dos dogmas que igreja doutrinava aos seus fiéis no período medieval, onde cabia somente aos clérigos o acesso ao entendimento *real* das escrituras, conquanto a fé deveria seguir o que era previamente estabelecido pela igreja, na medida que tudo aquilo que pudesse pôr em dúvida a sua postura era forçosamente proibido sob o risco de ser punido pela inquisição. Não deixando-se desencorajar pela atenção que a igreja católica lhe dava, foi mantendo-se firme quanto aos perigos que lhe rondavam, que Marguerite, – segundo a sua crença – como quem age movida não pela sua, mas pela Vontade de Deus, continuou a disseminar o seu discurso de fé que, diferentemente do discurso da igreja, permitia a todas as almas livres conquistar o entendimento do Divino Absoluto.

3.2 A MÍSTICA MEDIEVAL FEMININA

A maior transgressão da mística é, sem sombra de dúvidas, a crença de que não se faz necessário esperar pela vida eterna para se alcançar uma experiência direta com o

Divino. A escrita dessas mulheres²⁶ faz sempre referência a um “eu” que pensa, que fala e que prega em primeira pessoa, porquanto a mística se manifesta sempre em uma escrita realizada a partir de suas próprias experiências com o Divino, daí a justificativa do uso permanente do “eu”. Não só pela necessidade da pregação da fé, as místicas escreviam pela própria necessidade da escrita, conquanto satisfação de um desejo interno que reivindicava sua transcrição. Outra característica presente na mística é a discordância de determinadas regras impostas pela instituição religiosa, já que o seu seguimento não as levaria onde ambicionavam chegar.

No que toca Marguerite, a sua mística pode ser descrita enquanto mística do ser, especulativa. Embora não comprovada a sua atuação enquanto beguina, não pode ser subtraído da sua biografia sua incontestável adoção do sentimento beguino demonstrado pela sua vida de sindicância e *errância*. Ainda sobre a mística de Marguerite, fala-se sobre a sua possível influência no pensamento de Mestre Eckhart – místico vivente em seu tempo – que mesmo não verificada por citações diretas, pode ser claramente compreendida em sua obra.

Essa assertiva corrobora a relevância do papel da mística, sobretudo das mulheres místicas, e suas incontestáveis contribuições na história do pensamento humano. A influência de Marguerite sobre Mestre Eckhart, enquanto dominicano que ocupou diversos cargos segundo o renome do seu pensamento, oferece à mística feminina, embora de modo não declarado, a comprovação da sua importância no que constitui a filosofia medieval.

²⁶ Conquanto, na história, a grande maioria dos pensadores místicos são mulheres.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a conclusão do percurso proposto no estudo do pensamento místico de Marguerite apresentado n' *O Espelho*, esperamos, enfim, termos conseguido efetivar os objetivos nomeados no início. Destarte, embebidos do sentimento aniquilador pós-estudo Poretiano, é possível constatar, *a priori*, que a experiência mística de Marguerite é, na verdade, em grande medida justificada pelas escrituras sagradas, que fundamentam uma ampla parcela daquilo que é pregado n' *O Espelho*. Nota-se, ainda, a crescente desvalorização dos valores estabelecidos pelo próprio Cristo se comparados àquilo que é fincado nos fiéis praticantes pelas instituições religiosas da contemporaneidade. Observamos, também, que a tentativa de postergar a participação feminina na história da filosofia se estendeu ao longo dos séculos e permanece sendo difundida em grande escala, sobretudo nos templos religiosos, embora tenha sido, em contrapartida, pela própria religião justificada, como quando verificado o papel da mística medieval feminina. Este, por sua vez, não pode ser subtraído da soma do que constitui o pensamento filosófico medieval, especialmente pelo que se sabe quanto a sua contribuição e influência nos estudos filosóficos que se seguiram.

A mística aparece, nesse contexto, como instrumento para apropriação de uma experiência direta com a divindade, muitas vezes contrária aos ditos da igreja porquanto esta, a igreja, não torna possível um caminho que conduza a Deus livre do sacrifício em vida e morte do corpo. Muito embora a Alma aniquilada se submeta a morrer três mortes, o grande antagonismo que separa a mística medieval da teologia contemporânea pode ser resumido nas possibilidades que trazem consigo. Enquanto a mística de Marguerite trata de uma fé de possibilidades, a nossa ideia contemporânea do dogma da

fé não se submete aos arroubos que traduzem a manifestação de uma experiência que tende a *desconfigurar* a própria ideia de dogma difundida pela igreja católica.

Sob esses termos, ainda que *O Espelho* possa ser entendido como um manual religioso, a proposta defendida na obra não parece adequar-se aos costumes contemplativos do presente. Todavia, guardada a realidade temporal em que se dá a divulgação d'*O Espelho*, é possível afirmar que o conhecimento do seu conteúdo seria mesmo capaz de influenciar o pensamento das Almas ativas da sua época, salvo a contínua perseguição na qual teve que se estear até a sua condenação. A proposta d'*O Espelho* visa, pois, difundir um caminho que conduza a nobre liberdade experimentada pela obtenção de uma Alma aniquilada, transgredindo a realidade que compartilhamos pelo entendimento de uma fé que se sustenta pela promessa de uma glória inimaginável de ser vivida enquanto em vida. A *nadificação*, em tempos onde o que se preza é puramente seu oposto, não se sustenta sob servos cegamente regidos pelas doutrinas da razão. Resta-nos, por ora, conviver com o antagonismo de uma fé que busca o seu Deus sem ao menos sabê-lo em si mesmo.

REFERÊNCIAS

Fonte primária:

PORETE, Marguerite. **O espelho das almas simples**: e aniquiladas e que permanecem somente na vontade e no desejo do Amor. Tradução e notas de Sílvia Schwartz. Petrópolis: Vozes, 2008.

Fontes secundárias:

BORGES, Paulo. “**Do bem de nada ser**: supra-existência, aniquilamento e deificação em Marguerite Porete”. In: *Metábasis*, California, v. 2, n. 1, p.1-20, set. 2006.

CALADO, Alder. **O MOVIMENTO DAS BEGUINAS**: Interfaces e ressonâncias em experiências sócio-religiosas femininas do presente. Disponível em: <http://consciencia.net/o-movimento-das-beguinas-interfaces-e-ressonancias-em-experiencias-socio-religiosas-femininas-do-presente/> Acesso em: 21 jan. 2016.

MARIANI, Ceci Maria Costa Baptista. **Marguerite Porete, teóloga do século XIII**: Experiência mística e teologia dogmática em O Espelho das Almas Simples de Marguerite Porete. 2008. 219 f. Tese (Doutorado) - Curso de Ciências da Religião, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - Puc-sp, São Paulo, 2008.

NOGUEIRA, Maria Simone Marinho. **Espelho da literatura, reflexo do sagrado**: Reflexões filosóficas sobre a mística de Marguerite Porete. In: II SEMINÁRIO DE ESTUDOS MEDIEVAIS DA PARAÍBA - SÁBIAS, GUERREIRAS E MÍSTICAS:

HOMENAGEM AOS 600 ANOS DE JOANA D'ARC, 2., 2012, João Pessoa. *Anais...*
João Pessoa: Universitária/ufrpb, 2012. p. 127-135.

SCHWARTZ, Sílvia. **A béguine e al-Shaykh**: Um estudo comparativo da aniquilação mística em Marguerite Porete e Ibn' Arabi. 2005. 327 f. Tese (Doutorado) - Curso de Ciência da Religião, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2005.

SILVA, Juliana. **MULHER E FILOSOFIA: ONDE ESTÃO AS FILÓSOFAS?**
Disponível em: <http://ebooks.pucrs.br/edipucrs/anais/semanadefilosofia/XIII/15.pdf>
Acesso em: 18 ago. 2015.